



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LAZARINHO UMUÃ MENDES

**CULTO AOS ANCESTRAIS:
COSMOPERCEPÇÃO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE NA GUINÉ-BISSAU**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2026

LAZARINHO UMUÃ MENDES

**CULTO AOS ANCESTRAIS:
COSMOPERCEPÇÃO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de monografia, apresentado a Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fanny Longa Romero.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2026

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M491c

Mendes, Lazarinho Umuã.

Culto aos ancestrais : cosmopercepção dos Mandjacos de Calequisse na Guiné-Bissau / Lazarinho Umuã Mendes. - 2026.

46 f. : il., mapas, color.

Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2026.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fanny Longa Romero.

1. Manjacos de Calequisse (Povo africano) - Rituais. 2. Cosmopercepção.
3. Culto dos antepassados - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 299.6657

LAZARINHO UMUÃ MENDES

**CULTO AOS ANCESTRAIS:
COSMOPERCEPÇÃO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE NA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de monografia, apresentado a Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais.

Data de aprovação: 25/06/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fanny Longa Romero (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Jorge Luzio Matos Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

RESUMO

Este trabalho de monografia aborda o culto aos ancestrais na cosmopercepção dos mandjacos de Calequisse, na Guiné-Bissau. Entendo o termo cosmopercepção como uma dimensão da ancestralidade Mandjaco que envolve a multiplicidade de relações entre seres vivos e ancestrais, vida e morte, mundos (terrenal e ancestral), práticas cotidianas e modos diversos de sociabilidade, a partir da noção existencial de *Undiman* [sagrado ancestral], construída e vivenciada nas experiências desse povo. Nesse contexto, o culto aos ancestrais é considerado uma das práticas culturais mais antigas dos Mandjacos. O culto é uma categoria analítica que envolve, nesse contexto, rituais oferecidos ao *balugum* [mortos que viraram ancestrais], ao *itchap* [ancestrais materializados com a confecção de pequenas esculturas de madeira em forma humana, com a cara do falecido] e aos *gětchai* [ancestrais que representam as forças da natureza]. A cosmopercepção Mandjaco explica a relação entre o mundo visível e invisível (mortos, seres animados e inanimados viventes, antepassados, território e parentesco) em que a vida social acontece. A análise foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica e etnográfica, em diálogo com a sociologia e a antropologia. O estudo se fundamenta em entrevistas semiestruturadas, no uso de áudio online e de redes sociais: WhatsApp, com membros de localidades Mandjacos do território de Calequisse. Os resultados evidenciam que o culto aos ancestrais constitui a base central da organização social dos mandjacos e destacam a importância dos rituais para a ressignificação das práticas cotidianas e da ancestralidade desse povo.

Palavras-chave: Manjacos de Calequisse (Povo africano) - rituais; cosmopercepção; culto dos antepassados - Guiné-Bissau.

ABSTRACT

This monograph work examines ancestor worship within the cosmoperception of the Mandjaco people of Calequisse, Guinea-Bissau. I define "cosmoperception" here as a dimension of Mandjaco ancestry encompassing the manifold relationships between the living and ancestors, life and death, the earthly and ancestral realms, daily practices, and diverse modes of sociality in the existential concept of *Undiman* (the ancestral sacred), as constructed and lived by this people. In this context, ancestor worship is regarded as one of the Mandjaco's oldest cultural practices. As an analytical category, this worship involves rituals dedicated to the *balugum* (the dead who have become ancestors), the *itchap* [ancestors materialized through the creation of small wooden sculptures in human form, bearing the deceased's face], and the *gětchai* (ancestors representing forces of nature). Mandjaco cosmoperception elucidates the relationship between the visible and invisible worlds (comprising the dead, living animate and inanimate beings, forebears, territory, and kinship) within which social life unfolds. The analysis draws on both bibliographic and ethnographic research, engaging with sociology and anthropology. The study is grounded in semi-structured interviews and digital interactions utilizing online audio and social media (specifically WhatsApp) with members of Mandjaco communities in the Calequisse territory. The findings demonstrate that ancestor worship forms the core foundation of Mandjaco social organization and highlight the significance of rituals in reinterpreting the daily practices and ancestry of this people.

Keywords: Manjacos of Calequisse (African people) – rituals; cosmoperception; ancestor worship – Guinea-Bissau.

RESUMU

És tarbadju di monografia na fala di manera ku Mandjakus di Guiné-Bissau ta pidi guintis ku muri ku, tambi kilis ku bim antis di nós. Enton na sê manera di odja mundo, pidi kilis ku bim antis di nós i ta explika diferentes relasons entre kilis ku sta bibu ku nô donas ku muri, relason entre bida ku morti, (nó mundo ku di kilis ku kasta ku nós na terra). Ainda ita explika diferentes prátikas di cada dia i maneras di djuntamento na sociedade dentru di sê sistema ku ta tchomadu *Undiman* [sagraðu di nó donas]. Pabia di és, pidi kilis k bim antis di nós [nó donas ku murri] i ta odjadu entre Mandjakus suma um dus kustumis más antigu. És kustumi tá báí explica ritus ku ta fassidu pa pidi *balugum* ku sedu [kilis ku murri]. *Baluhum* ta pididu na itchp [*firkidjas*], és *firkidjas* ta representa mortos na si forma material. tambi ita tené rosto di falecidu. É ta fassi pididu tambi pididu pa gëthai irãs [kilis k ta kuida di natureza ku bida]. Na sê mara di pensa ou di n'tindi mundo, és processu ta bá explika relasons entri mundu material [nô mundu] ku mundu di nó donas [mundo ku nó ka ta odja], I ta explica tambi relaoson ku terra i ku família nundé nó ta vivi socialmenti. Análisi I és studu fassidu através di busca bibliográfica [dentru livros k artigos] ku etnografia [na conversa diretu k djintis k nó tarbadja ku el]. Tarbadju fundamenta ku entrevista na uso de rede social -WhatsApp-ku maraduris de terra de Calequisse. Nô tchiga intendimentu di kuma pidi kilis ku bim antis di nós i ta forma basi central di organizason social di Mandjacos tambi i mostra importânsia di rituais k ta da mais sentido relasons di cada dia ku pratikas di nó donas.

URUNGUIT U'NHAKAMN

U'lempī uī ka n'nhakan uem di babak Mandjaco Kalēkis di Guiné-Bissau n'dja bi bukul ku n'nhan batiēmi n'dja. Kamē kandēr Mandjaco atchi di batiēm n'dja, a ka tchi di cambofilar di utchak n'dja di utchak batiēm n'dja [ba n'tchi bëki di m'tchats], a ka kaka gēbelar brouērindja ri kanhan *balugum* di *undiman* [uiman u djiōne] di brouērindja di kander Mandjaco. Di u'nhakamn uī, benhamn balugum atchi *undiman in dja* um pē ui pēdjione. Di ulempī uī benhan balugum atchī brouerindja ubofelarui di katul itchap di balugum [ban tchëts be ki] bu ka fedjara itchap o' pētchap di kan neim inhan nē nan tchëtsi. A ka ka nhana bëts gētchai [badju gē utchak]. U'lempī a tibana di bëtchas di gēlibar a u' kaka tchas u'nhakan di -WhatsApp- di banhan ba n'tchī beki di Kalēkis. U'nhakan u'ui a piban bēnhan balugum atchī kamē ka uiēk ki ka pēban kī brouēr babak Mandjaco di utchak bekul. A u ka ka piban uar ka tul *balugum* di kander Mandjaco pa pe tsu kantelar di kabuka di batiēmi n'dja buts.

Kanig'samn u'nhakamn: Mandjaco; Buedjatsēr; Bēnhan balugum; Katul balugum; Calequisse-Guiné-Bissau.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa da Guiné-Bissau e suas e suas fronteiras nacionais	12
Figura 2	Circunscrição de Calequisse	13
Figura 3	Napéné na cidade de Calequisse	21
Figura 4	[Petchap ou itchap] ritual de kalump petchap	23
Figura 5	Diagrama das entidades do culto	29
Figura 6	Bekab Canssaré (utchós)	33
Figura 7	Kambumbalom (termo em Mandjaco, desenho do autor)	35
Figura 8	Bumbulum durante o ritual	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	APÍTULO 1 - <i>UNDIMAN</i>: [O SAGRADO ANCESTRAL] NA COSMOPERCEPÇÃO DO POVO MANDJACO	17
2.1	<i>UNDIMANINDJA</i> [O NOSSO SAGRADO ANCESTRAL]	19
2.2	<i>BAPENÉ</i> [INTERMEDIÁRIOS DA INTERPRETAÇÃO BIOGRÁFICA DOS ANTEPASSADOS E CONSULTA DO ORÁCULO]	21
2.3	<i>ITCHAP</i> [ESPAÇOS DE ASSENTAMENTO E CULTO DE MORTOS ANCESTRAIS MATERIALIZADOS EM PEQUENAS ESCULTURAS]	22
2.4	RITUAIS DOMÉSTICOS E COMUNITÁRIOS EM GRANDE ESCALA	24
3	CAPÍTULO 2 - <i>BEKI NHA NA BEKI DI UNDIMAN MANDJACO: GËTCHAI DI BALUGUM</i> [ENTIDADES DO CULTO ANCESTRAL DOS MANDJACO: <i>IRÃS</i> E <i>BALUGUM</i>]	28
3.1	AS ENTIDADES MALIGNAS	30
3.2	A BOA MORTE, A MORTE MAL-INTENCIONADA E O <i>UTCHÓS</i> [INTERROGATÓRIO]	31
3.3	<i>INHAN ANEIDJARA</i> [INCORPORANDO O ANCESTRAL]	33
4	CAPÍTULO 3 - CULTURA COMO CATEGORIA ANALÍTICA PARA COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS DE ESPIRITUALIDADE DOS MANDJACOS	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE	44

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o culto aos ancestrais na cosmopercepção do povo Mandjaco de Calequisse¹, na Guiné-Bissau. Nesse contexto, o culto aos ancestrais é considerado uma das práticas culturais mais antigas desse povo. Localizado em uma ampla extensão territorial na região costeira Norte, Cacheu, os manjacos ocupam, ao mesmo tempo, as margens dos rios Cacheu e Geba e as ilhas de Pecixe, Jeta, Caió e Calequisse. Este trabalho focaliza, especialmente, as práticas ancestrais e espirituais dos mandjacos² de Calequisse, uma localidade geograficamente situada ao Noroeste de Cacheu.

Entendo o termo cosmopercepção como uma dimensão da ancestralidade de *inhan*³, mandjaco. Essa dimensão envolve a multiplicidade de relações entre seres vivos e ancestrais, vida e morte, mundos (terrena e ancestral), práticas cotidianas, espirituais, território, natureza e modos diversos de sociabilidade. Essas relações se fundamentam na noção existencial do sagrado ancestral que é construído e vivenciado nas experiências desse povo.

O culto aos ancestrais é uma categoria analítica que requer, nesse contexto, rituais⁴ oferecidos ao *balugum*⁵ [mortos que viraram ancestrais], ao *pětchap*⁶ e *itchap* (sing. e plural.), respectivamente, que são ancestrais materializados com a confecção de pequenas esculturas de madeira em forma humana, com a cara do falecido. O culto reverencia entidades ancestrais *gětchai*⁷ que se manifestam, especialmente, no cosmo sagrado, isto é, espaços naturais (*rios, matas, pedras ou árvores, águas, meio natural*), aos ancestrais materializados, *pětchap* e,

¹ Calequisse é um nome administrativo da secção de Calequisse na região de Cacheu e, ao mesmo tempo, o nome da maior tabanca (comunidade) do território de Calequisse. Até meados da década de 90, Calequisse fazia parte da circunscrição administrativa da região como um setor autônomo, com liderança política e responsável pela gestão da localidade. Atualmente, Calequisse não tem representação setorial, está apenas como uma secção da administração de Cacheu.

² Uso a inicial Mandjaco em maiúsculo para povo e língua; minúsculo para referir pessoas, objetos e entidades.

³ A noção *inhan* (sing.) em mandjaco significa pessoa.

⁴ Uso a categoria ritual, no sentido dado por Victor Turner, que analisa os rituais como processos dinâmicos e transformadores que ajudam a compreender as diversas contradições e conflitos sociais. Ele analisa os rituais em três fases que são: separação, que corresponde ao afastamento do indivíduo de um grupo de indivíduos da estrutura social anterior ou mesmo de condições culturais do estado para cumprimento do ritual. Liminalidade, para explicar a fase de transição ambígua em que os sujeitos estão entre o contexto anterior e a nova realidade social, e a terceira fase, reagregação, que se refere ao retorno da pessoa ao contexto anterior, esperando que volte a adaptar-se a algumas normas costumeiras. Para o autor, o conceito de *Communitas* refere-se ao sentimento profundo de igualdade durante o processo liminar que rompe com as barreiras sociais, colocando os indivíduos em um nível de relação social que contrasta com as estruturas sociais rígidas (Turner, 1979).

⁵ *Balugum*, na língua Mandjaco, significa entidades ancestrais relacionadas aos mortos que em vida tiveram uma boa morte (categoria que será explicada no decorrer do trabalho) e foram reconhecidas pela comunidade.

⁶ Antigamente, o *pětchap* e o *itchap* eram representados em madeira, sem o rosto do morto.

⁷ Essa entidade ancestral foi, a partir da assimilação externa colonial, chamada de *Irã/Yran*. O termo *irã* ou *Yran* é uma denominação externa e incorporada por africanos, provavelmente luso-africana, de viajantes, militares e mercadores portugueses para referenciar a espiritualidade ancestral de povos da Guiné, no contexto dos séculos XV e XVII. Para nomear essa categoria, uso, no decorrer do trabalho, a noção de *gětchai*.

sobretudo, o *undiman* [o sagrado ancestral] que rege o mundo dos mandjacos que vivem sua ancestralidade tradicional.

A noção de ancestralidade é uma referência significativa para pensar o sistema sociocultural e a relação com o sagrado dos manjacos. Por ancestralidade entendo o modo pelo qual um povo constrói relação histórica, social e espiritual com os seus antepassados e ancestrais. Essa relação pode ser entendida por meio das práticas culturais e espirituais que marcam a historicidade de um povo.

Figura 1 - Mapa da Guiné-Bissau e sua circunscrição administrativa. Círculo em vermelho indica a área administrativa da Região de Cacheu ao Norte do país. O círculo em amarelo indica a localização de Calequissé ao Norte da região, Caió em verde, Ilha de Jeta em Azul claro e Pecixe circulado em preto.

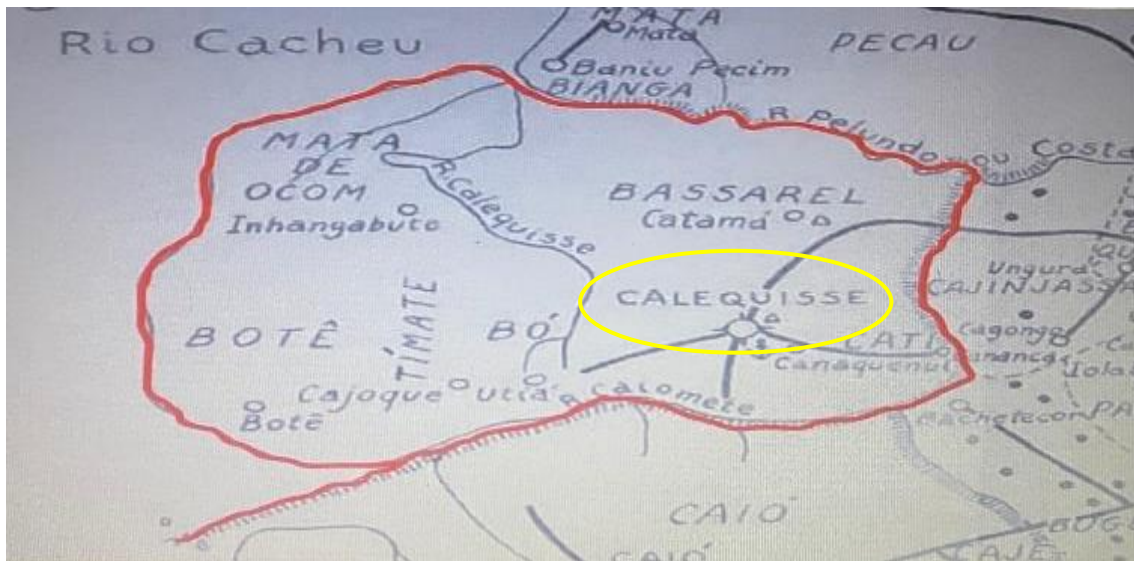


Fonte: <https://shre.ink/3eb5>: In ResearchGate. Acesso em: jun. 2026.

A ancestralidade não é um conceito estático nem fixo que se resume à explicação de um passado, e sim uma dimensão ativa e dinâmica atrelada à cosmo-percepção existencial de um povo. Essa dimensão pode ser compreendida, atualizada e ressignificada nas práticas rituais e nas relações do dia a dia dos grupos sociais.

Nas suas experiências vividas, os mandjacos de Calequissé têm desenvolvido a prática de cultuar seus mortos e outras entidades ancestrais, por meio dos quais mantêm a conexão com os seus antepassados, suas divindades e sua espiritualidade. As pessoas Mandjaco procuram explicar esses eventos com base nas suas compreensões do sagrado.

Figura 2 - Circunscrição do território de Calequisse e tabancas (comunidades) arredor



Fonte: Antônio Carreira (1947). Acesso: jun. 2026.

Tal como abordei em outro trabalho (Mendes, 2024), o *petchap* e *itchap* são entidades materializados em objetos de madeira que representam os falecidos que se tornaram ancestrais, que fazem parte da organização sociocultural dos mandjacos. São entidades do culto na existência vital, e à qual são oferecidas cerimônias, rituais e sacrifícios para pedir proteção aos vivos.

Há uma diferença de grau, mas não de sentido entre o *petchap* e o *balugum*. O primeiro refere-se ao ancestral com representação material (estatua de madeira); o segundo, não tem representação física, mas representa a dimensão simbólica de todos os ancestrais que em vida foram membros da comunidade Mandjaco, faleceram e se tornaram ancestrais. Esses seres ancestrais são da ordem do doméstico, isto é, são cuidados por parentes e membros familiares e atuam como vínculos entre os vivos e os mortos ancestrais. Cultuados por meio de sacrifício, doação e oferenda, fazem parte do universo do sagrado.

O culto aos *balugum* destina-se a homenagear os entes queridos falecidos. É um culto doméstico, mas que depende da comunidade, pois além da importância da participação das pessoas, o seu anúncio depende da escolha e da antecedência de uma data específica para sua realização. O culto adquire uma dimensão doméstica porque é um processo social em que a sua materialização depende da disponibilidade econômica dos familiares.

O culto é acompanhado com a fixação do *petchap* no chão da varanda da casa ou no terreno próximo da casa do familiar do falecido. Após o ritual, a família cultua continuamente seu parente falecido nesse espaço sagrado, pois a partir do momento em que é fixado o *petchap* o lugar se torna sagrado. Para os mandjacos, o que define o sagrado no *petchap* não é somente

sua fixação, mas o modo como o objeto manifesta sua força espiritual que é incorporada naquele espaço.

Durante o culto aos ancestrais, os *banhan* [filhos de *balugum*]⁸ cuidam bem dos vivos no que diz respeito a fenômenos como: saúde, paz, riqueza, união e prosperidade. Além disso, por meio do culto é possível manter a presença viva dos ancestrais na terra. O culto tem um significado maior e complexo que não se resume à simples adoração, mas é um meio pelo qual se matem o equilíbrio social e se constrói vida comunitária. Em outras palavras, é possível considerar o culto aos ancestrais como a ciência da vida, a leitura que o povo faz sobre a própria existência, porque através dele podemos interpretar os acontecimentos naturais, a vida humana e social, o meio ambiente, a morte, o território, a justiça, os eventos cotidianos e as experiências e práticas culturais, e fundamentalmente, a relação entre os vivos, os mortos e os ancestrais.

O culto aos ancestrais explica, igualmente, a relação entre o mundo visível e invisível (mortos, seres animados e inanimados vivos, antepassados) e o mundo material da vida. Essa relação é chamada pelos manjacos com o termo *undiman*, que na língua Mandjaco significa “o sagrado ancestral”. *Undiman* é uma categoria que abarca o cumprimento das obrigações sociais e/ou responsabilidades com a família, o território, a justiça, a comunidade e os vínculos sociais. As obrigações e responsabilidades são atualizadas na prática diária e nos deveres para com os ancestrais. Nesse sentido, abrange *balugum*, *gêtchai*, *pêtchap* e outros seres ancestrais.

Os rituais marcam também o momento de união em que várias pessoas aproveitam para fazer pedidos, orações pessoais ou coletivas e zelar pela paz na *tabanca* ou comunidade. Entre os mandjacos, os rituais voltados aos cultos dos ancestrais são introjetados como elementos da sociabilidade, isto é, da vida social na comunidade, de modo que constituem as disposições, percepções ou *habitus* mediados ao longo de processos de socialização (Bourdieu, 1982). Isso porque desde o nascimento, os indivíduos são orientados por meio da educação oral ou pela memória coletiva a assumirem o compromisso para com os seus antepassados ancestrais.

Esse modelo de educação aproxima a tradição oral dos griô que é uma instituição social predominante na África Oeste, voltada à educação e transmissão oral de ensinamentos dos segredos e saberes ancestrais. Para Boubacar Barry (2000), os griô da África do Oeste são os mestres e guardiões do saber e da memória dos povos, de modo que conservam os segredos

⁸ *Banhan*, envolve o coletivo, no sentido literal da palavra significa “pessoas” para referir o coletivo, mas a mesma expressão é usada na língua dos Mandjacos para se referir espiritualmente aos de “filhos de *balugum*” como categoria êmica (Geertz, 2022), isto é, a forma como os manjacos entendem seu vínculo com os falecidos ancestrais. Essas categorias são diferentes da noção de “devoto”, que entendo ser um registro cultural da esfera de religiões do cristianismo. A noção *inhan* (*sing.*) em mandjaco significa “pessoa”, e em sentido espiritual refere-se a filho de *balugum*, isto é, a pessoa que cultua os falecidos que viraram ancestrais.

seculares. De acordo com esse argumento é pela palavra, as histórias orais e os gestos performáticos que esses atores sociais dão sentido à vida comunitária (Bâ, 2010).

Um dos fatos importantes nesse processo é o modelo de transmissão dos valores culturais presentes nestas sociedades, até os dias atuais. Esse modelo de educação possui caráter circular e contínuo em que os anciões, os pais, régulos, *bapéné* [adivinhos ou sacerdotes com poder de cura e consulta do oráculo]⁹ transmitem conhecimentos e ensinam aos que querem apreender. O modelo da educação circular faz parte da cosmopercepção dos mandjacos e inclui a atuação de jovens que, embora ainda novos, são capazes de contribuir no processo educativo. O papel dos jovens não se resume a respeitar os mais velhos, mas a tratar bem o património comum, a memória dos antepassados e sobretudo os bens simbólicos e materiais deixados pelos ancestrais.

Como um homem jovem e membro do povo Mandjaco de Calequisse, assumo essa [responsabilidade para com meus ancestrais]¹⁰. Os jovens, ao igual que os demais membros do grupo social, participam também na divulgação das ideias e dos valores dos rituais para que as pessoas não passem por processos de sofrimento e/ou castigo espiritual. Entende-se por castigo espiritual a repreensão dos ancestrais para com *banham* [filhos de *balugum*], que pode ser marcada por diversos tipos de infortúnios na vida da pessoa quando não cumpre com a obrigação com um ancestral. A expressão ainda pode ser entendida por falta de sucesso econômico ou morte prematura.

Considerando a relevância do trabalho, no escopo do campo da sociologia e da antropologia social, a análise objetiva compreender a cosmopercepção Mandjaco nos modos como os vivos cultuam seus ancestrais. A pesquisa foi realizada com base em consulta bibliográfica e análise qualitativa de dados etnográficos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, por via WhatsApp, com homens e mulheres. As entrevistas se realizaram entre janeiro do ano 2025 e maio de 2026. Foram entrevistadas quatro pessoas, todas elas são do grupo social Mandjaco, residentes da secção de Calequisse, com idades entre cinquenta e setenta anos de idade. Duas delas são de sexo masculino e uma do sexo feminino todas residem na tabanca de Bipar e um do sexo masculino, morador da tabanca vizinha Bajob.

⁹ *Bapéné* são pessoas com diferentes conhecimentos, como curandeiro, adivinhos ou médico tradicional, consultor aos *irãs*, com apoio do *balugum*. Ele é a pessoa escolhida pelo *irã* para auxiliá-lo no trabalho da comunidade, sendo assim intermediário entre os homens, *irãs* e *balugum*, reportando aos homens que *irã* ordenou. Ele é a pessoa indicada, e bastante procurada para dar resposta dos assuntos que não é da competência do homem comum.

¹⁰ Quando há falta de obrigação com os ancestrais, os *banham* [filhos de *balugum*] passam por “castigo espiritual” que seria a repreensão dos ancestrais aos *banhan*, isso pode ser marcado por diversos tipos de infortúnios na vida da pessoa.

As entrevistas ocorrem em momentos diferentes, também foram separadas por secções, tanto pelo agendamento de horários do encontro pelo celular; quanto por áudio gravado no WhatsApp e retorno dos áudios. As entrevistas ocorreram nos períodos da tarde, de manhã e da noite, em horários variados, considerando o fuso horário Brasil/Guiné-Bissau. Teve vezes que consegui obter retorno no mesmo dia, e outras vezes, fiquei uma semana ou até um mês na espera para ter o retorno de informações. Foi muito desafiador esse processo considerando a questão do fuso horário, entre a Guiné-Bissau e o Brasil, as dificuldades do acesso à internet no setor de Calequisse e a instabilidade de conexão com a rede internet nas tabancas acessadas.

Todas as pessoas entrevistadas falam, na língua Mandjaco, das suas experiências sobre o que entendem por cultos aos ancestrais e participaram e vivenciaram ativamente o culto. Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados e interpretados seguindo o anonimato dos meus interlocutores para preservar suas identidades. Neste trabalho, para fazer referência aos entrevistados, usarei a forma -Mandj- associada a uma numeração, a exemplo: Mandj 01.

O trabalho está dividido em três secções: na primeira secção discute-se a percepção que os mandjacos têm sobre suas práticas de *undiman* [o sagrado ancestral]. Nesta secção faremos diálogo com as experiências vividas dos mandjacos e sua relação com categorias próprias da sua cosmo-percepção, em discussão com alguns argumentos analíticos das ciências sociais que informam sobre conceitos como sagrado e religião. Na secção seguinte, descreveremos as divindades do culto aos ancestrais com o intuito de descrever e analisar os significados desses cultos. Na terceira secção, travaremos um debate crítico e questionador sobre o conceito de cultura, como categoria analítica e definidora de tradições, para a compreensão de práticas sociais e rituais mandjacos.

2 CAPÍTULO 1 - *UNDIMAN*: [O SAGRADO ANCESTRAL] NA COSMOPERCEPÇÃO DO POVO MANDJACO

Apesar de que muitos trabalhos tratam as manifestações espirituais dos mandjacos como práticas propriamente religiosas, neste trabalho prefiro usar o termo *undiman*, espiritualidade ancestral dos mandjacos, para aproximar o leitor à uma compreensão sociológica dessas manifestações culturais. *Undiman* é a base central da cultura dos mandjacos, isto é, uma instituição social construída e explicada pelo sagrado e pela ancestralidade. *Undiman* explica a existência no mundo Mandjaco e as suas relações com os ancestrais. Todo o processo das práticas sociais, culturais, econômicas e comunitárias são envolvidas pelo universo do sagrado ancestral e espiritual encontram sua compreensão com base no *undiman*.

É possível entender a *undiman* como parte da estrutura e da memória coletiva dos mandjacos. Durkheim (1982) fala de uma estrutura mental para explicar as religiões monoteístas ocidentais, demonstrando que essas religiões são orientadas e estruturadas como esquemas culturais da sociedade. Durkheim analisa a religião como uma instância social, ou seja, uma instituição constituída como um organismo coeso, cujas normas próprias são vinculadas dentro de uma comunidade. A religião em Durkheim é formada por uma superestrutura simbólica.

Embora a análise de Durkheim seja importante para referenciar diferentes sociedades, ela não dá conta de explicar o sagrado ancestral dos mandjacos (*undiman*) e os sentidos da cosmo-percepção construídos na existência social do povo.

Undiman não se atualiza como uma religião, e sim como a base da organização social, dos processos existenciais de vida e morte dos mandjacos. É por meio dele que se vive a coesão moral, o reconhecimento do sagrado e a estabilização da comunidade mediada pelas instâncias naturais e sobrenaturais. Todos os acontecimentos ou eventos que parecem ser inexplicáveis encontram seus fundamentos nesta esfera do sagrado. Os rituais, o território, a justiça, as cerimônias ou o culto aos ancestrais são, de forma geral, compreendidos no âmbito de *undiman*.

Este preceito engloba outros aspetos da vida social, alcançando o meio natural, a econômica, a política, os vínculos sociais, pois, segundo a cosmopercepção Mandjaco, não há separação rígida entre o universo espiritual e a esfera social. Esses aspectos se complementam entre si e funcionam como ciclos que se influenciam mutuamente. A inseparabilidade entre a esfera social e a espiritual se justifica em função da conexão entre os dois espaços cósmicos e as agências que o mundo sobrenatural tem sobre o mundo dos vivos nas relações cotidianas.

O sistema espiritual dos mandjacos é representado pelos símbolos, práticas, agentes sociais, entidades espirituais e códigos que ligam e explicam os rituais e a sociabilidade do grupo social. Dessa forma, os espaços e os indivíduos que praticam *undiman* são considerados sagrados. Os códigos morais de *undiman* explicam o que é proibido e o que é permitido. Entre as permissões, o primeiro dever da pessoa mandjaco é cultuar os ancestrais, desse modo, o culto aos ancestrais constitui a base principal de *undiman*.

É possível afirmar que *undiman* que na sociedade dos mandjacos de Calequisse, Undiman exprime uma série diversificada de relações sociais e de instituições sociais e comunitárias. Desse modo, *undiman* pode ser compreendido como uma totalidade, isto é, um desses fenômenos sociais totais, no sentido de Mauss (2003), que movimentam obrigações, responsabilidades, dádivas, questões morais, religiosas, econômicas, familiares, jurídicas, sociais, culturais, econômicas e éticas.

Mauss (2003) usa o conceito de “fato social total” para analisar a complexidade de relações no sistema de dádivas que ocorrem durante as trocas e contraprestações em sociedades tradicionais da Polinésia, Melanésia e Noroeste americano. Para o autor, este conceito mobiliza a análise dessas sociedades, articulando diferentes esferas da vida social.

Nesse sentido, para compreender o mecanismo de trocas é necessária uma análise da multiplicidade de dimensões da vida social, tanto do ponto de vista econômico, as esferas da política, religiosa, espirituais, relações de afeto, de poder ou de parentesco que compõem esta estrutura econômica. Exemplo de princípios de dádiva que explicam três obrigações a cumprir [dar, receber e retribuir] são fundamentais para fortalecimento de relações políticas, econômicas, jurídicas, religiosas e de parentesco. O mesmo princípio mostra que a recusa de uma ou mais obrigações significa desonrar a família, levantar guerra ou desordem social.

É nesta mesma lógica que proponho pensar a prática de espiritualidade dos Mandjacos dentro da perspectiva analítica de *Undiman* [sagrado ancestral], em que cultuar ancestral é obrigação que *banhan* [filhos dos balugum] tem com seus ancestrais. Dessa maneira, a falta de obrigação implica desrespeitar ancestrais, causar ruptura de relações [mundo dos vivos e dos ancestrais] e, além disso, causar o desequilíbrio social. Essas obrigações estruturam não apenas as bases da espiritualidade ou das relações entre vivos e ancestrais, mas também incluem dimensões da vida social, econômica, da natureza, política, jurídicas, relações de parentesco, a memória coletiva, identidade e o pertencimento estruturalmente construídas como forma de organização social.

Dessa maneira, entendo que *undiman* se figura como um “fato social total”, uma vez que envolve a complexidade de relações das esferas social e ancestral, e que sua análise nos

mobiliza à compreensão dessa complexidade. Como mostra Mauss, uma explicação isolada dos fenômenos não daria conta da complexidade dos fenômenos sociais. Dessa maneira, para compreender *undiman* é necessário considerar os valores simbólicos, culturais e sociais que ligam as pessoas ao seu universo cósmico. Estas dimensões atuam conjuntamente e se complementam.

2.1 UNDIMANINDJA [O NOSSO SAGRADO ANCESTRAL]

Na pequena localidade de Bipar, secção de Calequisse, na região de Cacheu, meu entrevistado Mandj 01, um homem de 67 anos, chefe de família, relata que, desde que nasceu, viu e vivenciou os avós e os pais cumprindo os rituais de culto aos ancestrais. Ele explica sua aceção de *Undimanindja* [o nosso sagrado ancestral]: “sempre me dizem para cuidar dos ancestrais para que eu não seja punido por eles”. Para Mandj 01, a importância da relação com seus ancestrais envolve uma lógica cultural própria que envolve o individual e o coletivo: “nossa tradição é prática antiga, mas continua sendo a única que nos une com nossos *balugum*, isso é uma obrigação e compromisso com eles. Ficar sem cultuar nossas “famílias”, eles [*balugum*] podem nos punir” (Entrevista a Mandj 01, janeiro de 2025).¹¹

Mandj 01 mostra o papel que *undiman* [o sagrado ancestral] tem para estabelecer o equilíbrio social, assim como o compromisso dos *banhan* [filhos de *balugum*]. A experiência social das práticas rituais é fundamental para manter a conexão com os ancestrais.

Como mencionei acima, o *undiman* dos mandjacos é um repertório complexo de fundamentos e práticas na cosmo-percepção do povo. Engloba a esfera espiritual e social. Cultuar os ancestrais permite dar sentidos e ressignificar essa instituição ancestral. É importante que as pessoas cultuem os ancestrais e que os ancestrais cuidem da vida na terra daqueles que seguem seus preceitos sagrados. Os rituais que são realizados durante o culto aos ancestrais no sistema de *undiman* ocorrem de forma estruturada e específica, respeitando as estruturas sociais de hierarquia.

Nesse sistema, os anciãos são importantes transmissores dos saberes ancestrais e líderes da *morança*¹². Os anciãos são interpretadores de sonhos e solucionadores dos problemas sociais,

¹¹ A entrevista ocorreu por contato de WhatsApp, em janeiro, 2025.

¹² Morança entre os guineenses significa residência maior onde se juntam as famílias. Ela tem um significado forte, de modo que todos os problemas da família extensa se resolvem nesse lugar. Cada morança tem um chefe que é responsável por todas as cerimônias e rituais.

usando o seu conhecimento ancestral. Além de anciãos, os régulos¹³ são importantes figuras de representação política como chefes locais, também são membros dirigentes de certos rituais.

O Régulo é o responsável por todas as atividades e preservação dos valores humanos, protegendo a justiça familiar na comunidade do seu regulado. Garante a segurança, saúde, educação e felicidade a todos os elementos que fazem parte do seu território, trabalhando de acordo com todas as normas estabelecidas pelo Conselho de Velhos. O Régulo nunca pode violar os princípios sagrados da sua autonomia local, matos sagrados (*matu malgós*), irãs e períodos de manifestações religiosas, sagradas, místicas, culturais e agrícolas. O Régulo nunca autoriza a venda do seu território, mudança de regime, nem se pode proclamar o detentor de todo o poder sem consultar o Conselho dos Velhos (IMVF, 2011, p. 61)

A citação acima reforça o papel do régulo no esquema espiritual descrito e o modo como se relacionam o poder político e o poder ancestral do sagrado entre os mandjacos. De modo que nem o próprio régulo possui autoridade para violar os princípios da lei do conselho dos anciãos, nem o princípio ancestral baseado no sagrado. A sustentação da ideia de que o poder está nas mãos dos homens, mas ele só tem relevância quando é acompanhado e supervisionado pelos ancestrais.

É válido ressaltar que, antes da colonização europeia na antiga Guiné portuguesa, no sec. XV, no território que hoje é conhecido como Guiné-Bissau, algumas comunidades eram dirigidas por régulos. Durante a administração colonial, com modelo de governo indireto, o papel dessas lideranças diminuiu de autoridade e passou a ser de meros intermediários de lideranças coloniais. Após a independência, com a formação do Estado-nação guineense e a abertura do sistema político multipartidarismo, isto é, a forma descentralizada do poder, o papel dos régulos parece ter-se reativado em várias regiões da África do Oeste. Contudo, sua atuação política não chega perto do que era no período chamado pré-colonial.

Tania Carvalho (2000) discorre sobre essa asserção, argumentando que alguns governos pós-independências na África do Oeste continuam a aplicar e designar os régulos aos antigos papéis intermediários a que eram submetidos na época colonial, visto que em algumas localidades são destituídos dos poderes políticos e relegados aos papéis de intermediação entre o Estado e a comunidade local, devido ao capital simbólico que possuem. Mesmo assim, em

¹³ O termo local Namantch [régulo] refere-se a figuras políticas na hierarquia política dos Mandjacos antes da chegada dos colonizadores, tanto que possuía normas próprias para candidatura. De acordo com Mendes (2018), “para exercer este cargo, é preciso preencher alguns requisitos básicos, como: 1 - Idade mínima preestabelecida de 25 anos; 2 - Pertencer a uma linhagem específica (Babucin - nobreza); 3 – Boa condição física, mental e moral”. De salientar que alguns deles atingiam status de um rei, tendo em conta a dimensão territorial e as quantidades de pessoas que governavam. Segundo literaturas históricas, as designações do termo régulo se deram com a chegada dos colonizadores.

algumas comunidades dos Mandjacos, os régulos continuam exercendo papéis tradicionais nos rituais e cerimônias.

2.2 BAPENÉ [INTERMEDIÁRIOS DA INTERPRETAÇÃO BIOGRÁFICA DOS ANTEPASSADOS E CONSULTA DO ORÁCULO]

A figura dos *bapéné* (na língua mandjaco, curandeiro, intermediário ou sacerdote tradicional)¹⁴ é essencial para entender o esquema cultural e espiritual dos mandjacos quando se trata da mediação espiritual. O termo também é citado como *djambacouse*, ou jambacoses, na historiografia sobre povos africanos, no entanto, não tem uso no contexto dos mandjacos. Os *bapéné* são considerados intermediários e transmissores da interpretação biográfica dos antepassados. Os *bapéné* vivem entre os humanos e as divindades ancestrais. Eles são sábios, curandeiros e sacerdotes de consulta oracular, de modo que são muito procurados para interpretar as revelações, orientar e dirigir rituais de exorcismo e de cura espiritual.

Figura 3 - Napéné na cidade de Calequisse



Fonte: Virgínio Mendes. Acesso em: junho. 2026

De acordo com a análise de Krislayne Mendes (2025), no recorte temporal da Guiné, dos séculos XVI e XVII, esses agentes sociais são descritos como “sábios locais conhecedores das tradições nativas, possuíam conhecimentos medicinais de cura e de acesso ao mundo ancestral, intermediando a ligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos” (Mendes, 2025).

¹⁴ Ao referir-se à categoria, opto pela noção *bapéné*.

Sobre o papel social e religioso de jambacouses nas interações de reis e lideranças africanas na Guiné dos séculos XVI e XII, com base em fontes históricas luso-africanas, a autora cita um relato do viajante cabo-verdiano André Donelha (1625):

Vendo-se apertado pela doença, colocou sua cura nas mãos de seus médicos, que chamam Jambacoses. E, vendo que não lhe davam saúde, chamou os principais de seu reino e disse que já professavam a demência, pois, em certos dias, não haveriam de colocá-lo curado. E, não o fazendo, deveriam sair de seu reino ou deixar de curar, pois aquele que ele ouvisse dizer que usava o ofício, perderia a cabeça. Os Jambacoses, aterrorizados com o mandado do rei, sabendo que o que dizia se cumpriria à risca, reuniram-se em conselho e concluíram que, se tomassem um menino de geração real, dado com a vontade de sua mãe, e o matassem, degolando-o sobre a cabeça do rei, lavando-o com o sangue desse inocente e, depois, ungindo-o com a gordura e o resto do corpo do menino, além de dar certos suadouros ao rei, este se sentiria bem. Isso havia de ser ordem do demônio, inimigo do gênero humano [...] (citado em Mendes, 2025, p. 36-37, Donelha, André. Memorial de André Donelha a Francisco Vanconcelos da Cunha. In: Brásio, Antonio. Monumenta Missionária Africana, n. s II, 1979, p. 123)

Esses aspectos indicam que os *bapené* (conhecidos na historiografia africana como jambacoses) foram e continuam sendo figuras fundamentais nas sociedades e povos da Guiné, e que atuando no campo da espiritualidade, da leitura do oráculo, nas práticas religiosas como intermediários decisivos na ordem social e política de muitos grupos sociais em África, em especial na cosmopercepção dos mandjacos.

2.3 *ITCHAP* [ESPAÇOS DE ASSENTAMENTO E CULTO DE MORTOS ANCESTRAIS MATERIALIZADOS EM PEQUENAS ESCULTURAS]

Os mandjacos usam o termo *itchap* para se referir também ao espaço de culto onde estão assentados os *itchap* [plural, estátuas de madeira de falecidos ancestrais], dentro do seu sistema simbólico, de rituais destinados ao *balugum*. O *itchap* possui a representação simbólica e materializada dos falecidos ancestrais. Este espaço serve como lugar de culto, onde ocorrem diferentes rituais para reconhecimento e reverência aos indivíduos que vieram antes de nós. Essas pessoas são representadas por *itchap* (no plural) ou *petchap* (no singular), que consiste na elaboração de uma estátua de madeira em representação do falecido, que simboliza para a comunidade os entes queridos que faleceram e se tornaram ancestrais.

As práticas do sagrado (Eliade, 1992) se manifestam para os grupos sociais por meio de revelações ou manifestações de ancestrais. No caso dos mandjacos, *itchap* no sentido plural, *balugum*, *getchai*, entre outros seres, são entidades espirituais ancestrais que, a partir de eventos cotidianos, vivem entre os vivos. Como mencionei antes, as entidades *getchai* se manifestam,

especialmente, nos espaços naturais (rios, pedras ou árvores, águas, território, meio natural). As pessoas mandjacos procuram explicar esses eventos com base nas suas compreensões do sagrado.

Como destacado na obra de Mircea Eliade (1992), os objetos, imagens ou qualquer símbolo de adoração, usados dentro de um esquema espiritual, são fundamentais para estabelecer a ligação entre os vivos e os objetos cultuados, mortos e/ou espírito. Embora o autor ressalte que o sagrado não está nas imagens ou objetos, mas nos sentidos dados como receptáculos do sagrado, não encontro a mesma explicação na espiritualidade dos mandjacos. Entendo que, para esse povo, o sagrado se manifesta nesses lugares, o *itchap*, em que a materialidade dos objetos e das coisas se funde ao lugar como sagrado e como fundamento ancestral que está sempre presente.

Figura 4 - Ritual de *kalump petchap*



Fonte: Lassana Umuã Mendes (pai do autor). Acesso em: 28 jan. 2024.

A imagem mostra um homem Mandjaco durante o ritual de *kalump petchap*, a falecida recém fixada que foi (uma mulher vestida de camisa e turbante brancos e saia preta). Em volta, têm outras elaborações que representam outros ancestrais. Na imagem, percebe-se as variações das elaborações de imagens de madeira, em que há elaborações sem a cara do ancestral. Elas são as mais antigas, mas têm outras com a fisionomia do próprio ancestral, que são as mais recentes. O *kalump petchap* se cultua no chão da varanda da casa, ou nos terrenos próximos da tabanca. A imagem do *petchap* (mulher em madeira) trata-se de uma falecida na tabanca de Bipar, em Calequisse.

Como abordei anteriormente, o sagrado ancestral dos Mandjacos é muito mais complexo do que um mero esquema cultural de sentidos, pois se pensa a partir de uma cosmopercepção dinâmica, fluida e transformadora da vida social que não se caracteriza por um só elemento, pois, a sua complexidade pode ser percebida a partir de diferentes instâncias sociais e espirituais, mediadas por rituais, cerimônias, usos, práticas e costumes que orientam a sociabilidade e a existência Mandjaco.

Quando são assentados os *itchap* no chão ou nos terrenos contíguos à casa dos parentes, esse lugar se torna sagrado e passa a servir como um lugar de culto. Os familiares visitam o espaço para pedir soluções aos problemas, tanto de ordem natural como social. Na resolução de conflitos familiares, em problemas de casamento e saúde dos filhos, a representação física dos ancestrais no *itchap* é um importante símbolo espiritual.

Apesar de os rituais e cerimônias de cultos aos ancestrais parecerem apenas benéficos aos ancestrais, mas, segundo a cosmopercepção dos mandjacos, essa prática sociais também beneficia diretamente os humanos nas relações cotidianas. Dessa maneira, cultuar os ancestrais é também cuidar de si e dos outros. Esse cuidado recíproco ilustra a relação simbiótica entre os vivos e os ancestrais. Se uma pessoa (*inhan*) cuidar bem do seu ancestral, este irá retribuí-la com a graça e benção, no entanto, em caso de falta de obrigação, o indivíduo ou pessoas ao seu redor podem ser penalizados pelos ancestrais por seus atos de insolência.

Como se pode perceber, os rituais voltados aos cultos dos ancestrais não ocorrem de forma abstrata nem isolados aos indivíduos, mas fazem parte das relações sociais, da educação, das práticas cotidianas. Por isso, a relação entre o humano e o ancestral é complexa e exige muita cautela. Sendo assim, o modelo de educação é circular, processual, contínuo e constitui um elemento fundamental para a construção da identidade, a preservação dos valores ancestrais e do pertencimento cultural dos mandjacos.

Toda a comunidade se organiza pelo sagrado social e espiritual. A combinação desses dois campos deve-se ao fato de um ser social se envolver nos costumes dos ancestrais e na prática espiritual para tornar-se sagrado. Para os mandjacos, a espiritualidade, a territorialidade, as pessoas que realizam as práticas e os espaços sociais frequentados para os cultos aos ancestrais são instâncias do sagrado.

2.4 RITUAIS DOMÉSTICOS E COMUNITÁRIOS EM GRANDE ESCALA

Os rituais destinados aos ancestrais podem ser periódicos ou não, dependendo da necessidade humana ou do chamado ancestral para sua realização. Estes rituais fazem parte da

convivência cotidiana de grupos sociais e famílias. São muito importantes para os mandjacos, pois servem de instância comunicativa essencial na elaboração do elo entre o mundo espiritual (ancestrais) e o mundo material (dos vivos) permitindo estabelecer uma relação simbiótica entre os dois mundos. Esses dois mundos parecem distantes na teoria, mas são, de fato, complementares e relacionáveis para os mandjacos. Esse povo vivencia sua proximidade na prática social por meio dos rituais aos seus ancestrais.

Clara Abrahão Pereira ao analisar a religião Yran na senegâmbia sustenta que:

[...] na Senegâmbia se conformou enquanto uma instância comunicativa, e por isso é essencialmente dialógico: o mundo visível – dos vivos – é separado do mundo semivisível – dos mortos. Ao mesmo tempo, é nesse movimento de separação que o vivo se conecta aos seus antepassados e ancestrais, formando com eles um vínculo na esfera abscondita (Pereira, 2021, p.158).

Apesar de a autora ter trabalhado as práticas ancestrais na Senegâmbia nos termos de religião Yran, argumento que, na cosmopercepção Mandjaco, o *irã/yan* não é uma religião, e sim uma divindade ancestral do culto chamado *gêtchai* pelos manjacos. É importante frisar que os mandjacos não utilizam a expressão *irã/Yran*. Há, certamente, uma concepção enviesada e eurocêntrica nessa terminologia em que diferentes agentes europeus faziam referência à noção de “ídolos” para referenciar os ancestrais de sociedades africanas.

De acordo com Krislayne Mendes, “o uso de objetos de madeiras e outros elementos da natureza era comum nas religiões endógenas, onde a conexão com o sagrado perpassava pela relação que os indivíduos mantinham com a natureza, casa de parte dos espíritos ancestrais” (Mendes, 2025, p. 111).

A autora informa que, em seu percurso pelo rio Casamansa, na Guiné dos séculos XVI e XII, o viajante caboverdiano André Alvares de Almada (Brásio, 1964) assim se expressa:

embarram a estes paus com papas de farinha de arroz e de milho, e com o sangue das vacas e cabras e de outros animais; quando fazem as suas searas põem ao longo delas alguns paus destes fincados no chão, para as guardar, parecendo a estes pobres que tem o pau poder para isso (Mendes, 2025, p. 111).

Essa descrição parece referir-se aos ancestrais *pêtchap* e *itchap*, cultuados no chão de terrenos próximos ou no chão das casas de parentes do falecido ancestral. Contrário à compreensão de Almada, os mandjacos entendem que os rituais voltados ao culto dos ancestrais não são idolatrias. Esses cultos ocorrem de forma específica e têm um significado simbólico e social, de modo que neles é capaz de se observar diferentes elementos da espiritualidade, tal como rituais, tabus, cerimônias e ensinamentos, aspectos que abordaremos no decorrer da

análise. Esses fenômenos são meios pelos quais os mandjacos interpretam o seu lugar no mundo e constroem sua própria cosmopercepção.

O universo espiritual do povo Manjaco é formado por rituais domésticos e comunitários em grande escala, como oferendas, sacrifícios, evocação de um ancestral, rituais de purificação e de exorcismo, ritos fúnebres, de passagem, e de reverência aos ancestrais como, *kalump petchap*¹⁵, que, entre outros rituais, são destinados aos ancestrais. *Kalump petchäp* é um ritual que envolve a colocação ou fixação do *petchap* ou *itchap* no chão para o culto.

No dia de *kalump petchäp* é sacrificada uma vaca ou uma cabra e há consumo de diferentes bebidas em veneração aos falecidos. Esse ritual une várias famílias e amigos, acompanhado de toques dos tambores e de danças para homenagear o morto.¹⁶

Entre os rituais mencionados, alguns são temporários ou periódicos, na medida em que decorrem quando há um problema a solucionar ou quando chega o tempo definido para sua realização.

No caso dos rituais fúnebres que decorrem quando se perde ou morre um ente querido, é feita uma cerimônia para dar um enterro digno ao falecido, tendo em conta a valorização da personalidade humana em vida ou na morte. Outra lógica para o enterro é a purificação da alma na pós-vida. Garantir a passagem para o mundo dos ancestrais decorre da prática cerimonial de oferecer um bom funeral, o que significa a garantia de uma vida próspera no mundo extraterreno e a entrada do parente morto na comunidade dos ancestrais. A preparação para retribuir a bondade aos seres na Terra, porque acredita-se que, ao morrer, a pessoa torna-se um ancestral e vai adquirir poderes espirituais para servir de guardião e guia da comunidade.

Por esse motivo, os *balugum* na cosmopercepção dos mandjacos merecem reverência após a morte da pessoa, devido ao papel que eles desempenham para o bem da família ou comunidade. Acredita-se que, ao morrer, a pessoas adquire poderes sobrenaturais capazes de manipular as forças naturais.

Além de *balugum*, os *gëtschai* [forças espirituais sobrenaturais da natureza] são protetores e guias da família. O culto das duas entidades pode ser doméstico ou comunitário e tem como propósito proibir a entrada ou afastar qualquer potência demoníaca ou pestilências nos lares dos parentes em fronteiras vizinhas.

Para garantir a proteção, os Mandjacos efetuam sacrifícios, oferendas e bebidas em nome dos ancestrais. Compreendendo o esquema socioespiritual dos mandjacos, o papel social

¹⁵ Refere-se ao ritual de colocação ou fixação do *petchap* ou *itchap*.

¹⁶ Esse item será descrito com maior detalhe na seção 2.3 do trabalho.

dos ritos e as instâncias sobrenaturais, explicarei a seguir as divindades dos cultos aos ancestrais na compreensão dos *banhan* (filhos de *balugum*) para sua adoração.

3 CAPÍTULO 2 - *BEKI NHA NA BEKI DI UNDIMAN MANDJACO: GÊTCHAI DI BALUGUM* [ENTIDADES DO CULTO ANCESTRAL DOS MANDJACO: IRÃS E BALUGUM]

Como mostrei no capítulo anterior, o *undiman* dos mandjacos é um sistema bastante complexo, pois contempla o universo socioespiritual desse povo, em que todos os acontecimentos sociais têm um fundamento espiritual. Dessa maneira, cada prática social possui uma lógica específica interpretativa, isso é válido para os diferentes rituais ligados ao culto aos ancestrais. Na cosmopercepção dos Mandjacos, *gêtchai e balugum*” são entidades ancestrais diferentes e fundamentais na *uniman mandjaco* [o sagrado ancestral]. Apesar de serem entidades sobrenaturais, com poderes e capacidades sobre-humanas, eles contribuem para a coesão social do grupo. Com relação à cura física e espiritual, os mandjacos têm um entendimento específico sobre a atuação de cada ser espiritual. Os cultos estão ligados ao sacrifício, oferendas, orações, ensino e danças.

O *gêtchai* (irã ou yrãn) são divindades que pertencem a uma linhagem familiar e/ou comunitária. Segundo Krislyane Mendes, anterior ao termo *irã* há uma categoria endógena conhecida como *China* “de origem local e amplamente utilizada por Manuel Álvares, Almada e Donelha entre 1594 e 1625”. De acordo com a autora, “o termo Irã passa a ser usado de modo a sobrepor-se ao anterior ainda no início do século XVII. O que se observa, portanto, é um mosaico de denominações que refletem a complexa alteridade e a pluralidade religiosa da região” (Mendes, 2025, p. 58).

O *gêtchai* são entidades mais antigas na cosmopercepção mandjaco. São as divindades onde de onde o povo teve origem. Essas entidades têm base existencial e vivem nos leitos dos rios, nas florestas, mares ou oceanos. Existem *gêtchai* que atuam na vida doméstica, na casa que pertence a cada família ou clã, isto é, têm sua base nas residências.¹⁷ *Gêtchai* se manifestam por meio dos rituais mágico-religiosos.

Gêtchai estão presentes em todas as atividades do cotidiano do grupo, além disso, podem manifestar-se individualmente quando o assunto é proteger família, uma linhagem ou um membro do grupo do qual está vinculado. Coletivamente, manifestam-se nas cerimônias e rituais do grupo; participam nas tomadas de decisões, pois, quando há um problema familiar ou comunitário, o *gêtchai* é evocado por meio de um ritual.

¹⁷ Ver também Santos (2021), na referência do uso *Hirã*, em documentação histórica do século XVII, na região de Cacheu.

Além disso, participam na resolução dos conflitos, de modo que são chamados nos rituais para sanear problemas. Esses seres ancestrais estão envolvidos em quase todas as atividades humanas dos mandjacos. Por isso, são cultuados na sociedade como um todo.

Bernardo de Jesus (2018) argumenta que: “Irã na sociedade mandjaco representa espírito ou divindade que se manifesta através dos rituais religiosos[...] representa espíritos ancestrais que representa cada indivíduo ou comunidade, por isso são realizados os rituais como uma obrigação para com o irã” (Jesus, 2018, p. 27).

De certo modo, o culto aos *gětchai* se aproxima, no contexto das religiões de matriz africana no Brasil, à adoração dos orixás, em especial do candomblé Ketu, de origem Yorubá. Francisco Thiago Silva conceitua os orixás como divindades ancestrais ou [...] “seres oriundos das quatro forças da natureza: Terra, Fogo, Água e ar. Os orixás são, portanto, forças energéticas, desprovidas de um corpo material, dotados de equilíbrio” (Silva, 2011, p. 66).

Cada casa da família, no contexto dos mandjacos, possui o seu *utchai* [singular de *gětchai*]. A chamada entre os mandjacos, *utchai m'buka* [divindade ancestral da família], significa que o *utchai* é o responsável pela vida dos familiares, a saúde e a prosperidade dos seus descendentes. A essa entidade ancestral é oferecido o sacrifício de animais, bebidas e oferendas para cada rito específico.

O culto de *gětchai* tem caráter público e de maior participação das diferentes linhagens. Pereira (2021) discorre que, neste tipo de ritual, a mensagem é retida e capturada pelo coletivo, reforçando o espírito identitário de pertença cultural, além de partilhar a sabedoria ancestral e o reconhecimento da presença da ancestralidade como elemento vivo.

Figura 5 - Diagrama do culto aos ancestrais



Fonte: Gamma. Acesso em jun. 2026

O diagrama mostra as entidades do culto aos ancestrais Mandjacos e a compreensão que *Banhan* [filhos dos ancestrais] tem para seu culto. Além disso, apresenta papéis específicos que cada uma delas desempenha na sociedade. Na imagem à esquerda é possível observar que *Balugum* representa os espíritos dos parentes falecidos; seu culto é doméstico, com ou sem representação. Geralmente são representados por esculturas de madeira chamadas *itchap* [no plural] ou *petchap* [quando se refere a uma única escultura]. Doutro lado, *getchai* representam as divindades da natureza. Vive nos rios, mares, florestas e oceanos. Tem culto doméstico ou comunitário. Atuam para proteger e garantir a segurança da família.

3.1 AS ENTIDADES MALIGNAS

Diferente do *balugum*, os *getchai* podem ser classificados em duas categorias: bons e maus espíritos. *Getchai malfeitor*, são aqueles que não completa o círculo ancestral e são banidos desse plano por serem colaboradores dos feiticeiros para corromper a coesão social ou manipular pessoas a fim de cometer atos proibidos pelos ancestrais.

Segundo informações fornecidas pelo entrevistado Mandj 02, homem, 70 anos, chefe de casa na tabanca de Bajob: “estes *getchai* não são instâncias do culto, uma vez que não agregam nada na sociedade, são espíritos que devem ser banidos porque pode cometer sérios problemas para quem por ele estiver possuído ou que está sob sua influência” (Entrevista Mandj 02, novembro de 2025).¹⁸

Apesar de alguns trabalhos, como o de Pereira (2021), não possuir dados sobre os irãs malignos, meus registros etnográficos mostram que essa categoria é necessária para compreender o sistema espiritual dos mandjacos, em especial sobre o culto aos ancestrais. Segundo a cosmo-percepção desse povo, os *getchai* malfeitor (malignos) são fortes adversários e inimigos dos humanos porque são capazes de destruir ou matar pessoas, por meio dos poderes malignos que possuem.¹⁹

Enquanto cada *utchai* possui uma nomenclatura própria, é possível perceber a ausência de nominação dos *getchai* malignos²⁰ no culto aos ancestrais, ou até mesmo no sistema religioso dos mandjacos. Suas menções muitas vezes aparecem somente nos rituais de exorcismo para expulsá-los das propriedades sagradas ou da mente das pessoas.

¹⁸ Entrevista realizada em contato de WhatsApp, em novembro de 2025.

¹⁹ Uma análise importante sobre esses fenômenos foi contextualizada por Pritchard (2005), entre os Azande.

²⁰ Esta denominação não está relacionada à compreensão religiosa judaico-cristã e nem à percepção dicotômica cartesiana de separação entre o bem e o mal. Na cosmopercepção Mandjaco, todas as entidades são originalmente boas e eles atuam pelo bem ou pelo mal, dependendo da atitude das pessoas que as cultuam.

Tendo em conta o poder que essas entidades malignas detêm e que seriam capazes de possuir pessoas, tendo controle sobre elas, incentivando-as, inclusive, a cometer atos ilícitos, o ritual de exorcismo ocorre com ajuda dos ancestrais bons e a mediação do *bapéné* para curar a pessoa e banir o espírito mau.

Com base nisso, compreende-se que o culto dos mandjacos se dá de forma específica para cada divindade ou ancestral. Ele constitui um sistema cultural que envolve atitudes físicas e mentais, incluindo a performance ritual. Para que ocorra qualquer ritual, é necessário que haja um equilíbrio mental, físico e espiritual. Não havendo esse equilíbrio, não é possível realizar o ritual de sacrifício.

3.2 A BOA MORTE, A MORTE MAL-INTENCIONADA E O *UTCHÓS* [INTERROGATÓRIO]

Uma boa morte para os Mandjacos é quando o indivíduo atinge a maioridade, completando diferentes fases da vida e deixando seus legados. Legados esses que, podem ser uma boa educação para os filhos, participação nos ritos, cerimônias, além disso, ter um bom funeral.

Balugum entre os mandjacos seria as pessoas familiares que morreram de “boa morte”, ou aqueles que partiram com maioridade, tendo desempenhado um papel significativo durante a vida e deixado um legado para a família ou a comunidade.

Após ter cumprido os ciclos da existência terrena, o falecido ou falecidos transformam-se em ancestrais após a morte, tornando-se em entidades do culto, porque entende-se que as boas ações desenvolvidas em vida terão a sua continuidade no mundo dos mortos, além de levar uma boa nova para outros ancestrais.

Bandeira (2010) ao analisar as práticas culturais africanas e afro diaspóricas argumenta que:

Na cultura africana, o morrer com idade avançada e ter um funeral digno, com muita festa, são sinônimos de uma boa morte. Para os povos Iorubá, Fon, Bantu, assim como para outras nações africanas, a morte em si não é o fim, mas um momento de vivo contentamento, pois é o momento de encontro da pessoa com seus ancestrais. (Bandeira, 2010, p. 30).

Essas sociedades indicadas pelo autor apresentam uma percepção similar, em relação à morte, com os mandjacos, sendo que, eles também reconhecem que as pessoas estarão na terra dos ancestrais, só após completar as fases da vida, como: casar-se, procriar para deixar herdeiros

e tornar-se um ancião. Então, uma pessoa ao morrer, sem ter cumprido essas fases, significará que o falecido passará por um processo interrogatório para poder acessar *mtchats* [o mundo dos ancestrais, plano espiritual]. O interrogatório é feito para entender o motivo da sua morte, especialmente quando morre uma pessoa jovem, sem ter cumprido esse movimento cíclico. Sua morte é interpretada como uma má morte.

A morte tem diferentes interpretações para este grupo social, dessa maneira, os Mandjacos não atribuem a morte somente a uma circunstância natural ou biológica. A morte possui uma interpretação do ponto de vista espiritual e, em diversas situações, há uma morte “*mal-intencionada*” que se refere a uma morte causada por *bakalam* [pessoas vivas com poderes sobrenaturais], mas que preferem usar o poder para praticar o mal, em colaboração com espíritos malignos.

Nossa entrevistada, Mandj 03, uma mulher de 50 anos, residente da tabanca de Bipar, argumenta que: “sempre que morre alguém, ele/a é sujeito a um ritual chamado “*utchós*”, que equivale ao interrogatório, ‘hora da verdade’, em que toda a comunidade é convidada para tomar parte” (Entrevista, Mandj 03, maio de 2026)²¹.

Mandj 03 explica que o ritual *utchós* é realizado para encontrar respostas acerca da morte de um membro mandjaco. Como homicida poderia ser uma pessoa do mundo dos vivos, por culpa própria, ou da ordem ancestral por ter participado de algo proibido ou desenvolvido um comportamento que o ancestral desaprova. De modo que:

Utchós [interrogatório] é o veredito para questionar a morte da pessoa. O ritual é liderado por um chefe espiritual, ancião, em que é carregado o leito improvisado por duas ou quatro pessoas. A comunidade é chamada para participar do ritual de interrogatório. As pessoas com a cama/leito na cabeça respondem às perguntas do líder do ritual, assumindo o papel do falecido, porque acredita-se que o defunto, através da força vital, ainda não tenha morrido e incorpora os carregadores, guia e movimenta, ao mesmo tempo seus corpos, respondendo às perguntas perante o público sobre a sua morte (Entrevista, Mandj 03, maio de 2026).

²¹ Entrevista realizada por WhatsApp, em maio de 2026.

Figura 6 - *Bekab Canssaré*, e assemelha *bekab utchós* em forma de cama ou de leito.



Fonte: Google <https://shre.ink/3r7l>. Acesso em: jun. 2026.

A prática do interrogatório ainda permanece viva entre os mandjacos, embora com algumas mudanças. Os dados da entrevista apresentam as práticas do que antigamente os mandjacos realizavam. Carregava-se propriamente o corpo do defunto em um *bekab utchós* [cama/leito] improvisado, transportado por carregadores designados, geralmente, parentes e familiares. Atualmente é realizado o ritual de transição do espírito do falecido. Segundo a cosmopercepção, isso permite a liberação do espírito que incorpora outros elementos funerários do mundo moderno.

Os dados etnográficos ainda apontam as diferenças dessa prática entre as algumas tabancas, nos arredores do Calequisse e a tabanca de Bipar. Nas tabancas mais próximas de Calequisse, o interrogatório se faz antes do funeral. Não fazer o interrogatório ocasiona que a alma do falecido jamais poderá transitar para o plano ancestral; e não seria possível a realização do funeral. Mas em Bipar, o interrogatório *utchós* se realiza após a realização do funeral.

3.3 INHAN ANEIDJARA [INCORPORANDO O ANCESTRAL]

Os Mandjacos acreditam na vida após a morte. Na concepção mandjaco, a morte seria apenas um rito de passagem, uma transição para outro plano da existência. Quando alguém morre, o status da pessoa muda de humano para o de ancestral, com poderes sobrenaturais. Por esse motivo, suas almas são cultuadas por meio do ritual *kalump pětchap*, que é o ritual doméstico específico para cultuar os falecidos (*balugum*). Como referi no decorrer da análise, neste ritual é elaborada a

imagem do falecido/os, na representação física, simbolizando o papel social exercido pela pessoa durante sua vida.

Segundo o entrevistado Mandj 04: “as imagens seguem uma ordem hierárquica, ou seja, o lugar do falecido na hierarquia familiar” (Entrevista, Mandj 04, junho de 2025)²². A colocação do *itchap no chão da casa* respeita a ordem hierárquica, sendo que os ancestrais mais antigos são os primeiros a ocupar esses lugares. Além disso, cada imagem ancestral representa o papel social que o falecido desempenhou durante a vida. Isso mostra quão simbólico e estruturado é o sistema espiritual. *Petchap* simboliza o respeito e a rememoração dos falecidos. Eles adquirem muito mais que uma simples característica material indicativa, pois o seu simbolismo é carregado da personificação dos falecidos incorpóreos.

No dia da colocação de *petchap* é realizado o ritual *kalump petchap* em que toda a família e os amigos do falecido participam da cerimônia. Nesse ritual são sacrificados animais como vaca e cabra, e nunca se sacrificam outros animais que não sejam os que mencionei. O sacrifício de vacas e cabras tem uma explicação simbólica entre os mandjacos, pois eles entendem que o couro destes animais serve de *umpan* [roupa de *balugum*]. Antigamente, esse era o vestuário que os ancestrais usavam. Quando esses animais são abatidos, o morto leva consigo o couro para o mundo dos ancestrais.

Além do sacrifício, é derramada bebida, água e vinho palmo²³, para pedir que os ancestrais aprovelem a presença do falecido no ritual. O vinho simboliza o pedido de permissão para que os filhos de *balugum* assentam o *petchap* ou o *itchap* no lugar designado. O ritual é acompanhado de toques do tambor [*kambumbalom*]²⁴ (em língua Mandjaco), ou *bumbulum*, e dança. O tambor, ao ser tocado, serve de comunicação entre vivos e mortos, pois transmite mensagens de acontecimentos não só para a comunidade, mas a mensagem emitida é igualmente enviada aos parentes falecidos no mundo espiritual. Ele se figura como uma autoridade e ocupa lugar na política e nas reuniões. De fato, *kambumbalom* não é um simples objeto, mas um elemento social vivo e com agência. Sua linguagem é lida e interpretada por

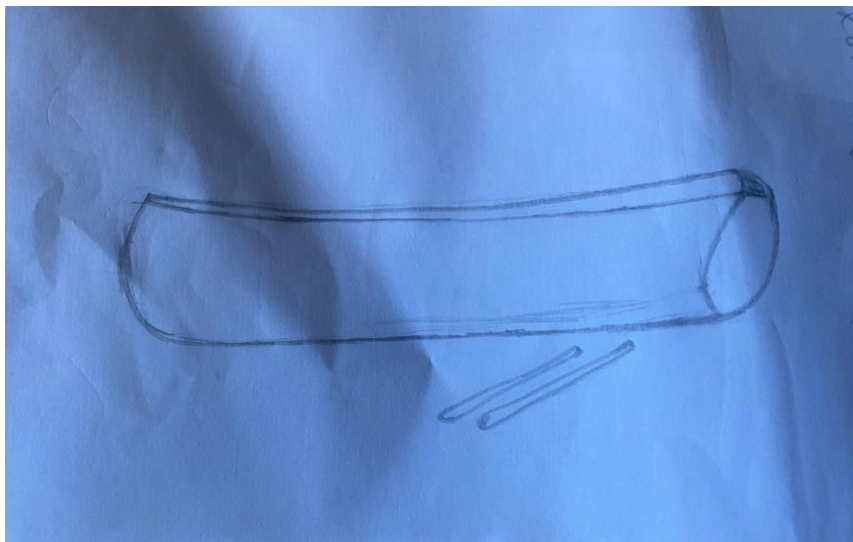
²² (Entrevista realizada em junho de 2025).

²³ Vinho palmo é uma bebida alcóolica obtida a partir da fermentação. O fruto é extraído das palmeiras de leque africana e da matebeira. Em certos países da África é a principal bebida em atividades culturais e em algumas festas tradicionais, como o casamento, em reunião dos anciãos de uma aldeia ou de autoridades tradicionais, além de ser usado nos julgamentos tradicionais é também oferecidos aos *getchai* e *balugum*.

²⁴ *Kambumbalom* (chamado também *Bumbulum* ou *Bombolom*) é um instrumento tradicional, um tambor de fenda construído a partir de um tronco de árvore (bissilon) escavado longitudinalmente, usado desde tempos antigos entre os mandjacos como meio de comunicação e transmissão de mensagens sobre falecimentos. Serve de anúncio aos acontecimentos de falecimento dos parentes, além disso, é importante instrumento usado durante as cerimônias de *Toca-Tchur* [toca-choro], no ritual de *kalump petchap*, como meio de comunicação entre o mundo dos vivos e dos mortos. Ainda é usado nas cerimônias do *fanado* [ritual de iniciação relacionado com a circuncisão]. Ver. Blog Bombolom - Guiné-Bissau: Disponível em: <https://www.musis.pt/bombolom/>. Acesso em: 13 junho 2026.

tocadores [*balass*]²⁵, figuras especiais para o manejo e interpretação da mensagem do *bumbulum*.

Figura 7 - Kambumbalom (em língua Mandjaco) ou Bumbulum.



Fonte: Desenho de Lazarinho Umuã Mendes.

Figura 8 - Bumbulum durante a cerimônia



Fonte: <https://www.musis.pt/bombolom/>. Acesso em: junho 2026.

O *kambumbalom* é usado nas cerimônias de *toca-tchur* [toca-choro, ritual que acompanha danças, choros e sacrifícios de animais para lembrar as pessoas mais velhas que

²⁵ Figuras especiais para o manejo e interpretação da mensagem do *bumbulum*. Esse ofício é ensinado e aprendido, de modo que sua importância transcende fronteiras locais. Isto é, quando houve um acontecimento, essas pessoas são chamadas para anunciá-lo, não importa de que tabanca pertençam, pois o sistema espiritual admite isso.

faleceram] e no ritual de *kalump pětchap*. Durante os rituais, geralmente o defunto se manifesta e se incorpora em uma ou mais pessoas. A incorporação do morto é o que os mandjacos chamam de *inhan aneidjara* para referir-se a um complexo processo ancestral e existencial que, em diferentes abordagens ocidentais, é comumente chamado de transe.

Durante o *inhan aneidjara*, a pessoa incorporada pelo espírito do falecido assume um estado liminar (Turner, 1979) e passa a vivenciar o comportamento, os gestos e até a voz do falecido. Ao tratar do conceito de liminaridade, Turner (1979) argumenta que o ritual é um processo social dinâmico e transformador. O ritual como ação, em processo, ajuda a compreender as diversas contradições e os conflitos sociais. Para Turner, a liminaridade explica uma fase de transição, ambígua, em que os sujeitos estão entre o contexto social anterior e a nova realidade.

Nessa perspectiva, compreendo o processo de incorporação do defunto no contexto dos mandjacos como uma fase liminar em que a pessoa incorporada apresenta características ambíguas; em que sua mente e voz são tomadas pelo defunto, mas a sua característica física permanece. Assim, na incorporação do morto, os vivos se percebem em um estado físico e espiritual suspenso, em que não se transitou por completo e nem se vive totalmente a realidade anterior. Portando, apresenta um estado de ambiguidade.

Por meio dos rituais é que os *filhos do balugum* e *gětchai* estabelecem uma relação comunicativa para pedir bênçãos aos ancestrais e garantir a segurança da família, na resolução da fome, em especial, no período de seca, e pedidos para que haja abundância de chuva. Os *gětchai* materializam sua força ancestral entre os vivos e possibilitam o enredo ancestral do *undiman* [o sagrado ancestral] na vida cotidiana.

4 CAPÍTULO 3 - CULTURA COMO CATEGORIA ANALÍTICA PARA COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS DE ESPIRITUALIDADE DOS MANDJACOS

A compreensão sobre as relações entre seres humanos e ancestrais, na prática social de *undiman* na cosmopercepção Mandjaco, me permite sugerir um conceito de cultura que atenda à multiplicidade de relações entre seres vivos e ancestrais, vida e morte, mundos correlacionados com a natureza, práticas cotidianas e os diversos modos de sociabilidade, explicadas a partir das experiências partilhadas do povo Mandjaco de Calequisse. Neste segmento do trabalho, procuro trabalhar o conceito de cultura para pensar a complexidade de relações existenciais desse povo no seu sistema cosmológico.

Neste contexto, a compreensão da cultura como categoria analítica implica pensá-la ou compreendê-la não como simples conjunto de crenças, costumes ou tradições de um povo, mas como um sistema semiótico (Geertz, 2022) por meio do qual os seres humanos organizam a vida a partir das próprias experiências sociais, e forma pela qual interpretam o mundo, seus planos de existência, experiências cotidianas, suas relações cíclicas com a vida e a morte e seres diversos da sua ancestralidade e repertórios espirituais.

Falar da cultura como um sistema semiótico implica não a reduzi-la a um conjunto de signos motivados por práticas, mas como um sistema cosmológico de reintegração de relações entre pessoas e ancestrais, seres vivos e mortos, espíritos, natureza, objetos, território, comunidade, forças visíveis e intangíveis, sagrado ancestral. É nessa perspectiva analítica de cultura que proponho pensar as práticas da espiritualidade do grupo social Mandjaco de Calequisse, em termos de dinâmicas e processos sociais cíclicos e circulares que rompem com abordagens convencionais do conceito de cultura.

A espiritualidade dos mandjacos não pode ser reduzida à categoria unitária e homogênea de religião ou de folclore. A noção *undiman* no contexto dos mandjacos, é muito mais complexa do que a simples categorização religiosa, pois se refere ao sagrado ancestral, vinculado à cosmopercepção dessa sociedade africana. *Undiman* faz parte da cultura Mandjaco e busca explicar e dar sentidos à organização social dos vivos nas suas relações com entidades ancestrais, mortos, território, natureza e espiritualidades. Dessa forma, *undiman* contempla o campo da espiritualidade, o social, político, econômico e o meio natural. Como esferas complementares em inter-relação. As pessoas acessam e vivem a espiritualidade para explicar os eventos naturais, suas ações e os problemas do cotidiano.

Os rituais, as cerimônias, os tabus, o culto aos espíritos e ancestrais condensam a compreensão da interpenetração entre vida e morte, as relações entre as pessoas mandjacos, o

território e a natureza, as relações sociais do dia a dia nas comunidades. Esses aspectos devem ser analisados de forma específica a partir do ponto de vista, em perspectivaêmica de cultura (Geertz, 2022), e segundo as experiências vividas dos mandjacos.

De igual modo, o trabalho de Paulin Hountondji (2008), “Conhecimento da África e dos africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos”, nos fornece uma visão crítica que rompe com as abordagens convencionais que, ao longo dos anos, lideraram o campo dos estudos da África e dos africanos. O modelo, do qual foi criticado pelo autor, considerando que nele há uma hierarquia estruturalmente dirigida pelos pesquisadores ocidentais, que transformam a África como objeto de observação e de estudos etnográficos, produzindo as hierarquias no campo do conhecimento herdados pelo colonialismo e que exclui formas de produção endógena privilegiando a “pesquisa extravertida”, isto é, conhecimentos produzidos em África, mas orientada para atender as necessidades ocidentais.

Portanto, a obra de Hountondji torna-se necessária para pensar o culto aos ancestrais não apenas como práticas tradicionais, mas é, igualmente, uma forma de produção do conhecimento historicamente construído pelos Mandjacos, valorizando as experiências do grupo e o uso das categorias nativas. Nesse sentido, essa prática ancestral torna-se modo de produção crítica do conhecimento acadêmico, comprometida com a realidade histórica do grupo e seu possível diálogo com o conhecimento universal.

No escopo das sociedades africanas de cosmologia Bantu-Kongo, o autor Bunseki Fu-Kiau, explica que “Para um/a mûntu [pessoa] africano/a, os mortos não estão mortos: são apenas seres vivendo além da muralha esperando pelo seu provável retorno à comunidade, ao mundo físico [ku nseke]” (Fu-Kiau, 2024, p. 31). Essa análise conceitual serve de chave interpretativa que ajuda a compreender os rituais, cerimônias e oferendas, ligadas à espiritualidade do povo Mandjaco de Calequisse, não como práticas isoladas ou estáticas no tempo, mas como expressões culturais vivas, que podem ser lidas e interpretadas de forma específica. Esse olhar analítico fornece ferramentas que questionam as abordagens eurocêntricas que interpretam as práticas de espiritualidades africanas a partir de categorias externas para tratar dessas sociedades.

No culto aos mortos que se tornaram ancestrais, os mandjacos têm a compreensão de que a vida não termina após a morte, mas sim em termos de uma passagem para outra dimensão cósmica, isto é, ao mundo dos ancestrais. Segundo essa visão, os ancestrais não representam apenas a memória do passado, mas são agentes ativos com poderes sobrenaturais que contribuem para a manutenção da ordem social e garantem o equilíbrio entre o mundo físico e o mundo invisível.

As práticas ancestrais fazem parte do esquema mental, da memória coletiva, de grupos sociais, e são passadas de geração em geração como um valor simbólico e cultural. Embora várias práticas culturais africanas sejam relegadas ao passado pela modernidade ocidental, alguns pensadores, como Ki-Zerbo (2010) mostram que as tradições não podem ser relegadas nem vistas como algo antigo, e sim como produções humanas que são introjetadas na memória coletiva e dão sentido às ações humanas que podem ser lidas e atualizadas consoante o tempo. Ki-Zerbo explica que a tradição oral é um meio de preservação de saberes ancestrais, por meio da fala, mas não se resume a isso, ela é a parte de produção de saberes ancestrais.

Com base nessa explicação, entende-se que o culto aos ancestrais é um elemento da tradição oral, uma prática ancestral que, é introjetada na memória coletiva dos mandjacos, é passada de geração em geração e transmitida por via oral nas práticas cotidianas.

A tradição oral na concepção africana não se limita ao ensinamento de boca a boca, também se refere à produção do conhecimento de longo prazo e de aprendizagem contínua sujeita à reavaliação, atualização e ressignificação das práticas dos grupos sociais. É possível observar que, o culto aos ancestrais dos Mandjacos, embora haja continuidade das práticas, durante a pesquisa se percebe algumas mudanças, adaptações e variações de certos rituais, consoante com as especificidades locais dentro do sistema espiritual.

Assim, ao fazer referência ao estudo da cosmopercepção dos mandjacos, a partir da perspectiva da noção de cultura como chave interpretativa, é importante trazer a dinâmica social endógena, e o uso de termos locais. Acredito que, para se aproximar às experiências desse grupo, é preciso compreender sua lógica interna, reconhecendo seus saberes locais de produção do conhecimento. E aqui quem pensa a respeito é também uma pessoa Mandjaco.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, discuti a cosmopercepção dos mandjacos vinculada ao culto aos ancestrais em Calequisse. De forma introdutória, procurei situar o contexto da pesquisa e as práticas do culto aos ancestrais para explicar a relação dos vivos com os seus ancestrais. Destaquei a importância dos rituais relacionados ao culto dos mortos que viraram ancestrais, como a forma de manter a conexão com os *balugum*. A relação entre os *banhan* (filhos de *balugum*) e os ancestrais, as entidades do culto, permanece viva. Identifiquei neste trabalho como essa prática ancestral permanece no presente entre os mandjacos como um elemento da memória coletiva, que faz parte das experiências do cotidiano.

Discuti, no decorrer do trabalho, a noção de *undiman*, que é uma categoria muito importante para a compreensão do sistema espiritual dos mandjacos. *Undiman* significa o sagrado ancestral e constitui a base central da espiritualidade desse povo. Essa noção é entendida como um fato social total que movimenta diversas dinâmicas e instituições da vida social. Ela explica a existência no mundo do povo Mandjaco e a relação com os ancestrais, mortos e forças espirituais. É o sistema da reintegração entre vivos e mundo ancestral, da cultura desse povo africano e o elemento da identidade dos Mandjacos que é transmitido na tradição oral, de geração em geração, como forma de ensinamento e preservação dos saberes ancestrais.

Do ponto de vista do ritual, a análise mostra as entidades *balugum* e *gětchai* como entidades do culto ancestral dos mandjacos. Observei que esses seres espirituais têm particularidades distintas, mas que se complementam. Os mandjacos possuem uma lógica explicativa sobre a existência de cada um deles. A análise dos dados das entrevistas realizadas mostra que *balugum* se refere aos familiares falecidos, que tiveram uma *boa morte*, dos mandjacos, que transitaram para o mundo dos ancestrais. Identifiquei a importância dos rituais *fúnebres*, *utchós* e *kalump petchap* como rituais decisivos na organização social, na justiça e nos repertórios fúnebres dos mandjacos, não só para garantir um enterro digno ao falecido, mas para buscar as razões da sua morte e permitir a transição segura para o plano espiritual e poder tornar-se ancestral do culto.

Destaquei que, o *balugum* tem culto doméstico e sacrifícios de animais específicos que não se dão da mesma forma que o *gětchai*. Para *balugum*, os dados etnográficos nos mostram que existem sacrifícios específicos durante o *kalump petchap* que é um ritual importante para a fixação, de objeto (escultura) de madeira, como uma representação simbólica da cara do falecido. Nesse ritual são sacrificados animais como vaca e cabra, não se sacrifica porco. São dadas oferendas, bebidas alcoólicas, animação com dança e toques de *bumbulum*.

As entidades ancestrais *gětchai* têm cultos em grande escala, muitas das vezes com a participação de toda a comunidade. *Getchai* vivem no leito dos rios, nas matas, nos oceanos, no território. Existe também na cosmo percepção dos mandjacos as chamadas *gětchai m'buka*, o termo local para se referir a divindades da família. O culto dessas divindades se dá no ambiente familiar.

As *gětchai* admitem o sacrifício tanto de vaca quanto de cabra ou até de porco. O sacrifício tem lógica própria para explicação de sacrifício de um animal e não de outro. Segundo essa lógica, a vaca e a cabra são admitidos no ritual de kalump *petchap* porque sua pele seria usada como vestuário do falecido no mundo dos ancestrais. A pele desses animais era a roupa que os ancestrais usavam, isso deve-se ao fato da manutenção da memória ancestral.

A noção *undiman*, como sagrado ancestral, é um sistema desafiador e importante para entender a existência social e a espiritualidade dos mandjacos. Ela exige uma discussão no campo acadêmico, de igual modo no universo dos filhos de *balugum* e *gětchai*. Tendo em conta essa relevância, este trabalho contribui como um registro acadêmico de modo a levar este conhecimento ancestral ao público, mas, fundamentalmente, mostrar a produção de conhecimento e modos existenciais de sociedades africanas da África do Oeste.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, André Álvares de. Tratado Breve dos Rios de Guiné do Cabo Verde dês do Rio Sanagá até os Baixos de Santa Ana. In: **Monumenta Missionária Africana. África Ocidental (1570-1600)**. Coligida e anotada pelo padre Antônio Brasio. Vol. 3. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1964.301.
- BÂ, Amadou Hampâté *et al.* **A tradição viva**. História Geral da África, v. 1, 2010.
- BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. **Último andar**, n. 19, p. 33-39, 2010.
- BARRY, Boubacar. **Senegâmbia: o desafio da história regional**. Rio de Janeiro: SEPHIS, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural**. Tradução de Magali de Castro. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 71-79.
- BRÁSIO, Padre Antônio (org.). Monumenta Missionaria Africana, África Ocidental, 2.^a série, vol. V, (1623-1650), Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1979.
- CARVALHO, Carla. A revitalização do poder tradicional e os regulados manjaco da Guiné-Bissau. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia** vol. 4, 2000.
- DONELHA, André. Memorial de André Donelha a Francisco Vanconcelos da Cunha. In: BRÁSIO, Antonio. **Monumenta Missionária Africana**, n. s II, 1979.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FU-KIAU. Bunseki. **O livro africano sem título: cosmologia dos Bantu-Kongo**. Trad. Tiganá Santana. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2022.
- HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 149–160, mar., 2008.
- Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF) **Diálogos interculturais: um olhar sobre as raízes africanas nas comunidades remanescentes de quilombos do Estado do Maranhão, Brasil**. Lisboa: Instituto Marquês de Valle Flôr, 2011. Disponível em: https://www.imvf.org/wp-content/uploads/2018/02/DialogosInterculturais_2012.pdf. Acesso em: junho, 2026.
- KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 141-143.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183–314.

MENDES, Lazarinho Umuã. O Balugum no processo ritual dos Mandjacos de Calequisse na Guiné-Bissau. **Trabalho de Conclusão de Curso**. IHL/Malês: Unilab: 2024.

MENDES, Krislayne Mota. Para além das identidades e fronteiras: a lógica somatória e a pluralidade religiosa guineense (séculos XVI e XVII). **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em História. Juiz de Fora: UFJF, 2026.

MENDES, Virgínio Vicente. Rituais de iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau: Adivinho/Napene e Régulo/Namantch. **Monografia** (Bacharelado em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

PEREIRA, Clara Abrahão Leonardo. **Se alguém morreu, alguém o matou**: religião Yran na Senegâmbia nos séculos XV e XVI. 2021.

PRITCHARD, E.E. Evans. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SANTOS, Vanicléia Silva. Mulheres africanas nas redes dos agentes da Inquisição de Lisboa: o caso de Crispina Peres, em Cacheu, século XVII. **Politeia - História e Sociedade**, v. 20, n. 1, 2021, p. 67-95.

SILVA, F. T. Candomblé iorubá: a relação do homem com seu orixá pessoal. **Educação, Ciência e Cultura**, vol 16, n. 2, 2011, p. 63-75.

APÊNDICE

GLOSSÁRIO

Bakalam - pessoas vivas com poderes sobrenaturais.

Balass - Figuras especiais para o manejo e interpretação da mensagem do *bumbulum*.

Balugum - plural, ancestral, refere-se aos mortos que virarão ancestrais.

Banhan - filhos de *balugum*.

Bapéné - Designação na língua Mandjaco para *djambacouse*. Curandeiro, adivinho, intermediário entre vivos e ancestrais, sacerdote tradicional de cura e do oráculo.

Bekab utchós -leito para o interrogatório

Beki ka nhana beki di undiman Mandjaco: gëtschai di balugum - entidades do culto ancestral dos Mandjaco: *gëtschai* e *balugum*].

Bumbulum - tambor- instrumento tradicional, um tambor de fenda construído a partir de um tronco de árvore (bissilon) escavado longitudinalmente, usado desde tempos antigos entre os mandjacos como meio de comunicação e transmissão de mensagens sobre falecimentos.

Djambacouse - curandeiro ou sacerdote tradicional, em língua Mandjaco se designa *bapéné*.

Fanado - ritual de iniciação relacionado com a circuncisão feminina.

Gëtschai – ancestral, não se refere aos mortos e sim às forças que governam a natureza e a existência. A essa terminologia tem se aplicado em fontes externas a denominação de *irã/Yran*.

Gëtschai m'buka - Refere-se a um local das divindades da família.

Gëtschai malfeitor - ancestral malfeitor, força maligna.

Inhan aneidjara - incorporando o ancestral, quando se trata de mortos que viraram ancestrais.

Inhan - (sing.) - significa pessoa.

Itchap -plural. Refere-se aos ancestrais materializados em pequenas esculturas de madeira em forma humana, com as caras dos falecidos que viraram ancestrais.

Irãs ou Yrãs – designação provavelmente de origem luso-africana para fazer referência aos *gëtschai* - ancestrais e entidades sobrenaturais- em língua Mandjaco.

Kambumbalom (chamado também *Bumbulum* ou *Bombolom*) é um instrumento tradicional, um tambor de fenda construído a partir de um tronco de árvore (bissilon) escavado longitudinalmente, usado desde tempos antigos entre os mandjacos como meio de comunicação e transmissão de mensagens sobre falecimentos.

Kalump pëtschap - ritual que envolve a fixação ou colocação do *pëtschap* - pequena escultura de madeira em forma humana, com a cara do falecido que virou ancestral- no terreno ou chão da casa de parentes e/ou familiares do falecido.

M'tchats - o mundo dos ancestrais, o plano espiritual.

Morança -residência maior onde se juntam as famílias – família extensa- e formam um conjunto de casas.

Namantch – termo local para referir [régulo].

Pëtchap - singular de *itchap*, refere a um ancestral representando através da confecção de uma pequena escultura de madeira em forma humana, com a cara do falecido que virou ancestral.

Toca-tchur -toca-choro. Ritual que acompanha danças, choros e sacrifícios de animais para lembrar as pessoas mais velhas que faleceram.

Umpan - roupa de *balugum*.

Undiman - o sagrado ancestral.

Undimanindja - o nosso sagrado ancestral.

Utchai singular de *gëtchai* (*irã*).

Utchai m'buka - divindade ancestral da família.

Utchós – interrogatório ao morto.